

JP-007-001



Belo Horizonte  
Set./Outubro 87  
Ano 7  
Nº 21

# JORNAL DO PSICÓLOGO



## NESTE NÚMERO

- Anuidade de 1988 já estabelecida. Pág.: 2
- Saúde mental em discussão. Pág.: 3
- Psicologia comunitária: trabalhar com o individual e o coletivo. Pág.: 4
- Natureza: a destruição galopante. Pág.: 5
- No esporte, um espaço aberto para a atuação do psicólogo. Pág.: 8



Marcelo Kraiser



**Crise:**  
Sob o ponto de vista  
psicanalítico e político.  
Entrevista concedida,  
ao Escuta, por  
Zélia Nascimento  
e Célio de Castro.



## As conquistas e o compromisso assumido

O 5º Plenário do CRP-04 cumpre sua primeira etapa de trabalho ao completar um ano de gestão. Os objetivos propostos de divulgação da psicologia como profissão, a atuação social, política e cultural dentro da sociedade, a prática da política de aproximação e valorização da categoria foram se desenvolvendo dia a dia, com determinação, união e muita firmeza do Plenário e da Diretoria. Procurou ser ainda, desde o início, consolidar o CRP-04 não só como uma entidade fiscalizadora, mas extrapolar desta função burocrática cartorial para propiciar à categoria um espaço técnico, cultural, en-

gajado e participante em todos os níveis.

Diante disso, os resultados deste ano de trabalho são gratificantes, na medida que trabalhando uma política básica de atuação, homogênea, afinados em todas as decisões tomadas, com seriedade ao cumprir as determinações de leis, ganhou credibilidade junto à categoria por suas decisões convincentes e não demagógicas.

Ainda dentro dessa política básica de trabalho conjunto e participativo do CRP-04, o rodízio na direção da Diretoria, estabelecido pelo Plenário e Diretoria anteriormente, foi efetuado

no dia 28 de setembro último, assumindo a Presidência da diretoria, o psicólogo Ricardo Figueiredo Moretzsohn, indo para a direção da Comissão de Orientação e Fiscalização, o psicólogo José Luiz da Silva Espíndola. Como Secretária, a psicóloga Maria de Fátima Pio Cassemiro. Esta política de rodízio implantada visa, quando possível, agilizar, democratizar e caracteriza co-participação.

As metas para esta segunda etapa são então de consolidar todas as conquistas até agora adquiridas e romper com as barreiras do preconceito e principalmente do desconhecimento de nossa categoria para com os seus

campos de atuação, como também da sociedade para com o importante papel a que o psicólogo pode exercer dentro das várias áreas de atividade profissional. E conscientizar, politizar a categoria de psicólogos para o universo que tem a ocupar neste contexto profissional.

O investimento feito em várias frentes de trabalho pelo 5º Plenário do CRP-04 nesta primeira gestão foi executado com muito esforço e uma elasticidade para a locação dos recursos disponíveis. A sustentação de todo o planejamento e das conquistas vieram de uma distribuição e administração racional de sua verba para que pudesse cumprir com todos os compromissos assumidos. Nestes últimos meses do ano de 87, o CRP-04 vem acionando ainda, através de cobrança judicial, os psicólogos inadimplentes não como uma atitude

autoritária, mas como uma obrigação mínima do profissional junto a sua categoria, como também exercendo seu papel de direito e deveres. São destas verbas que o CRP-04 sustenta toda a ação de seu planejamento e pode ainda investir em suas propostas.

O retorno deste dedicado trabalho seja do Plenário, da Diretoria, dos funcionários do CRP-04 e da participação de seus profissionais visa em curto e médio prazo fortalecer a categoria em benefício de todos. Para podermos reivindicar é necessário que façamos investimentos, que por sua vez, demandam, principalmente, participação financeira. Com isto podemos expandir nossa atuação, coesos, buscando objetivos comuns, abrindo novas perspectivas para o exercício da psicologia.

Ricardo Figueiredo Moretzsohn



## NOTAS



## AGENDA

### Esclarecimento aos psicólogos

Com o início da cobrança de débitos pelo CRP-04, constatou-se que alguns psicólogos não pagaram as anuidades por não estarem atuando profissionalmente.

Entretanto, a não atuação profissional não provoca a suspensão do pagamento de anuidades. O psicólogo, estando inscrito no Conselho, habilita-se ao exercício da psicologia. Desta forma, deve pagar a anuidade, cujo valor é deliberado pelos psicólogos, em assembleia geral, à qual todos são convocados. Não o fazendo, sujeita-se a todas as penalidades previstas na legislação, que inclui desde a cobrança judicial e a suspensão do exercício profissional, até a cassação da inscrição.

Assim, quando o profissional não estiver atuando, pode requerer o cancelamento de sua inscrição, bastando estar em situação regular perante o CRP-04. Caso deseje atuar, basta reatuar sua inscrição, que terá o mesmo número da anterior.

### Anuidade

O valor da anuidade do CRP-04 passou a ser de 2 MVR, de acordo com a votação realizada na Assembleia Geral Ordinária no dia 31 de agosto.

### Concurso Dasp

Os psicólogos aprovados no Concurso Público do DASP, atual SEDAP, de 1984, e que ain-

da não obtiveram colocação, podem procurar o CRP-04 que se propõe a fornecer informações.

### Recrutamento

O Sistema Pitágoras de Ensino está recrutando psicólogos da área educacional com experiência para atuarem no norte do Brasil. Os contatos poderão ser feitos na Seção de Planejamento de Pessoal — R. Madalena Sofia, 25 — Cidade Jardim, Belo Horizonte. Maiores informações pelo tel.: (031) 344.3099 — ramal 216.

### Telefone

Ficou mais fácil entrar em contato com o Escritório Setorial do Espírito Santo. É que agora o escritório tem um telefone — (027) 222.7394 para atender às solicitações dos profissionais.

### Cobrança da anuidade

A cobrança judicial dos débitos da anuidade do CRP-04 teve início no dia 04 de setembro. Os psicólogos em débito foram notificados, sendo que os profissionais de Belo Horizonte, tiveram o prazo de 10 dias para efetuarem o pagamento e os do interior, 20 dias. Aqueles que não se manifestaram diante da notificação foram multados e simultaneamente suspensas suas atividades profissionais.

Os advogados Delson Pereira Barbosa e Marcílio Eustáquio são os responsáveis pela cobrança da anuidade do período de 1982 a 1987. Já fizeram alguns recebimentos, como também já iniciaram, a 20 de outubro, a execução fiscal (Lei 6830 de 22.09.80), via Justiça Federal, devido a resistência ao pagamento.

Os psicólogos que devem a anuidade de 1987, especificamente, receberam através da notificação dados relativos à conta bancária, na qual deveria ser efetuado o pagamento.

Com relação às pessoas jurídicas, o procedimento tem sido o mesmo, ou seja, notificação seguida de execução fiscal.

### A mulher em debate

#### Saúde mental e mulher

Mônica Almeida Belisário — Psicanalista  
Marlene Catarina A. de Melo — Prof.ª Dept.º

#### Administração

Data: 18 de novembro — 10 horas  
Local: Fac. de Ciências Econômicas — 10º andar

#### Prática de Apoio à Gravidez

Márcia Ratto — Psicóloga  
Gleise Soares — Grupo Grávida  
Regina Brostl — Homeopata  
Décio Brandão — Médico Acupuntura

Data: 18 de novembro — 19 horas  
Local: Fac. de Medicina — Sala "B" — 2º andar

#### Mulher/Feminino

Ana Lúcia Lutherbach Rodriguez — Psicanalista

#### Marília Pires — Psicanalista

Data: 23 de novembro — 10:00 horas  
Maiores informações no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher — Universidade Federal de Minas Gerais — Rua Curitiba, 832 — Belo Horizonte, ou pelo tel.: 201-3211.

### Psicoterapia Analítica de Grupo

O Grupo de Psicoterapia Analítica de Juiz

de Fora/Barbacena está promovendo a I Jornada de Psicoterapia Analítica de Grupo a ser realizada nos dias 13 e 14 de novembro, na Faculdade de Medicina de Barbacena.

Além da apresentação de temas livres, serão abordados os temas "A instrumentalização do complexo de Édipo na psicoterapia de grupo" e "Contribuições de Winnicott na psicanálise individual e de grupo", com a participação do Dr. Leão Cabernite (RJ) e do Dr. Décio Gilberto Natrielli (SP), como comentaristas. Ambos discutirão também, juntamente com o Dr. Sebastião Vidigal (Barbacena) e Dr. Nivaldo Carlos Soares (JF) sobre a "Supervisão de uma sessão de grupo". As inscrições poderão ser feitas na Faculdade de Medicina de Barbacena, sendo que para estudantes a taxa é de Cz\$ 200,00 e para profissionais é de Cz\$ 700,00. Informações pelo tel.: (032) 211-8339.

### Psicólogos da Área Hospitalar

Acontecerá no período de 04 a 08 de abril do próximo ano, no Centro de Convenções Olinda/Recife, o III Encontro Nacional de Psicólogos da Área Hospitalar, sob a promoção do Centro de Psicologia Hospitalar e Domiciliar — CPHD. O tema do evento é "o modelo de atuação do psicólogo no hospital", dirigido a psicólogos, médicos e estudantes. As inscrições poderão ser feitas à Rua Correia de Araújo, 80 — Recife. Informações pelo tel.: (081) 231-0945.

Paralelo ao Encontro serão realizados ainda, três cursos, no período de 05 a 08 de abril: "A experiência da morte pela Psicologia Transpessoal", "Abordagem existencial e a realidade hospitalar" e "Psicoterapia breve — a técnica focal para o atendimento hospitalar". O período de inscrições é de fevereiro a março de 1988.





## 5.º Plenário

# Um ano de trabalho e mobilização

O 5.º Plenário do Conselho Regional de Psicologia — 4.ª Região (MG/ES) completou, em 28 de setembro, um ano de atuação junto aos psicólogos de Minas e do Espírito Santo. Neste período, foram realizadas algumas mudanças tanto a nível interno quanto externo, a fim de atender a demanda da categoria.

Dentre as ações do 5.º Plenário inclui-se o Programa de Interiorização do CRP-04 (PIC-04), através do qual foram realizados encontros com profissionais em Vitória, Juiz de Fora, Alfenas, Uberaba e Uberlândia, abrangendo cidades vizinhas. Somando as atividades desenvolvidas através do PIC, chega-se ao resultado de 126 visitas realizadas em Belo Horizonte e 205 no interior, perfazendo um total de 331 visitas, incluindo fiscalizações, averiguações de denúncias e notificações de pessoas física e jurídica.

Com relação aos demais trabalhos desenvolvidos durante este período, destaca-se o prosseguimento do PED — Programa de Estudos e Debates sobre a Formação e Atuação do Psicólogo. Na forma de pesquisa, foi apresentado com análise no suplemento ESCUTA do Jor-

nal do Psicólogo n.º 20, atingindo os profissionais da 4.ª região que puderam apreciar e avaliar seu perfil profissional, bem como visualizar novas áreas de atuação.

Também em evidência, o 1.º Encontro dos Psicólogos da Saúde Pública e o 1.º Encontro Regional de Psicologia Educacional, ambos promovidos pelo Conselho.

Nestes encontros reuniram-se psicólogos interessados em discutir aspectos relevantes a estas áreas de Psicologia, além de contar com a participação de outros profissionais que se viram envolvidos com as questões abordadas.

O CRP-04 participou ainda da comissão "Criança e Constituinte" encaminhando junto a entidades e órgãos interessados na questão, proposta à Assembleia Nacional Constituinte para assegurar os direitos da criança; do grupo da Delegacia Regional de Ensino do Ministério da Educação, o qual discute a qualidade da formação universitária, e da Conferência Nacional de Saúde Mental, que foi um desdobramento da 8.ª Conferência Nacional de Saúde.

Tomou parte também do Congresso sobre Testes Psicológicos, em Porto Alegre; do encontro realizado na sede da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, cujo objetivo foi subsidiar a modificação do currículo do curso de Psicologia, e do Simpósio sobre "Ética e AIDS", promovido pelo Conselho Regional de Medicina.

No que se refere à seleção pública feita pela Secretaria do Estado da Saúde, o CRP-04 manteve como postura política o cumprimento do edital, a despeito de interesses contrários à contratação dos selecionados.

E atendendo à demanda de empresas prestadoras de serviços psicológicos, foi desencadeado junto a essas firmas, um trabalho mais intenso por parte do Conselho.

Além disso, incrementou-se a divulgação da Psicologia e do Conselho nos veículos de comunicação, bem como o aumento da tiragem e da distribuição do Jornal do Psicólogo. Na comemoração dos 25 anos de Regulamentação da Psicologia no Brasil, a divulgação intensificou-se, sendo realizada na ocasião, uma festa para os psicólogos.

A nível interno, foram processadas algumas alterações, cujos resultados atingiram, mesmo que indiretamente, os profissionais. Foram contratadas duas agentes de Orientação e Fiscalização; uma Supervisora Técnica que informa e assiste aos profissionais acerca das questões relativas à categoria e uma Assessora de Comunicação Social para incrementar a divulgação do Conselho.

Para o Escritório Setorial do Espírito Santo foi contratada uma funcionária e adquirido um telefone, a fim de propiciar aos psicólogos capixabas melhor atendimento. A implantação do Escritório Setorial da Zona da Mata foi outra ação desenvolvida no sentido de atender aos profissionais da região.

Este é o resumo de algumas ações do 5.º Plenário durante um ano de gestão, o qual pretende dar continuidade a alguns projetos, tais como o Programa de Interiorização e o Encontro de Psicologia Educacional, que obtiveram boa receptividade. Dentre os projetos para o próximo ano inclui-se ampla divulgação da Psicologia, para que a profissão seja reconhecida pela sociedade como um todo, e não por uma elite.

## Saúde mental: uma nova política de atuação

Será realizado nos dias 13, 14 e 15 de novembro, no auditório do Colégio Santo Agostinho — Av. Amazonas, 1803 — B. Santo Agostinho, o I Encontro Mineiro de Trabalhadores de Saúde Mental. A abertura do evento, que está sendo organizado pelo Conselho Regional de Psicologia — 4.ª Região, Sindicato dos Médicos, Sindicato dos Assistentes Sociais, Sindicato dos Psicólogos, ASFHEMIG, Associação Terapeutas Ocupacionais e Associação Mineira de Saúde Mental, está prevista para as 19 horas do dia 13 com um debate sobre a História do Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental.

Este evento tem o caráter de preparação ao II Congresso Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental que acontecerá no período de 03 a 06 de dezembro, em Baurú — SP, organizado pelo Plenário dos Trabalhadores de Saúde Mental de São Paulo — fone: (011) 572.0277. Estes encontros decorrem de uma reunião promovida pelos trabalhadores de saúde mental, em junho passado, no Rio de Janeiro, paralela aos trabalhos da I Conferência Nacional de Saúde Mental.

Nesta reunião, foi discutida a necessidade de criação de um Fórum Independente, através do qual fosse possível aos trabalhadores de saúde mental criticar livremente as políticas oficiais para este setor. Além disso, constatou-se que a nível nacional o mo-

mento está caracterizado por um retrocesso técnico e político em relação às propostas assistenciais para o setor.

### A mobilização dos trabalhadores mineiros

Em Minas, por exemplo, o programa de Saúde Mental encontra-se estagnado, desmantelando-se em função dos péssimos salários e condições de trabalho dos profissionais que provocam o êxodo dos mesmos. Em São Paulo, a situação também reflete uma mudança na linha de trabalho anterior, com a volta das superadas propostas do atendimento asilar.

Diante de fatos como estes, percebeu-se a necessidade da criação de espaços independentes — não institucionais — de aglutinação, onde os trabalhadores de saúde mental pudessem discutir, estabelecer propostas, bem como elaborar as estratégias que tornem possível sua conquista. E é com o objetivo de preencher estes espaços que será realizado o II Congresso Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental, bem como o I Encontro Mineiro de Trabalhadores de Saúde Mental.

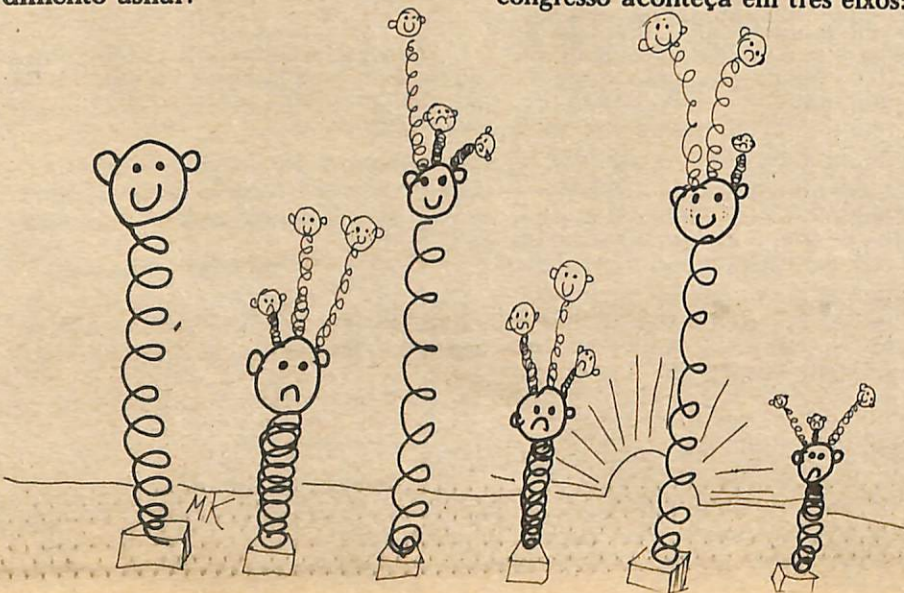
A proposta é que a discussão no congresso aconteça em três eixos:

1 — Por uma sociedade sem manicômios — Pode significar um rumo para o movimento dos trabalhadores de saúde mental. A discussão da loucura para além do limite assistencial.

2 — Organização dos trabalhadores de saúde mental — Um pouco da história dos TSM, a sua relação com o Estado e com a condição de trabalhadores da rede pública. Além disso, questões do corporativismo e interdisciplinariedade, a questão do contingente não universitário, alianças, táticas e estratégias dos trabalhadores de saúde mental.

3 — Análise e reflexão das práticas concretas dos trabalhadores de saúde mental. Uma instância crítica da discussão e avaliação — a quem os TSM servem e quais as formas. A ruptura com o isolamento que caracteriza estas práticas, contextualizando-as e procurando avançar.

O temário do encontro mineiro terá os mesmos eixos. Informações sobre este evento podem ser obtidas no Conselho Regional de Psicologia — 4.ª Região, com Heloisa Amaral — Tel.: (031) 226.5827, no horário de 12:30 às 18:30 onde também poderão ser realizadas as inscrições. Para profissionais e estudantes de nível superior a inscrição é de Cz\$ 100,00 sendo que para os técnicos de nível médio e auxiliares de saúde é gratuita.





## PSICULTURA: O TEXTO CAIU NA REDE, PUBLICA-SE

### Psicologia Comunitária

Elizabeth de Melo Bomfim  
Marília Novais da Mata Machado

Trabalhar com a Psicologia Comunitária é trabalhar, simultaneamente, com o individual e o coletivo, com o que é comum e o que é incomum entre sujeitos sociais concretos que ocupam um determinado espaço físico-geográfico.

O psicólogo comunitário trabalha com sujeitos sociais, em condições ambientais específicas, atento às suas respectivas psiques.

As condições ambientais são, frequentemente, objeto de demandas por transformações, quer nas grandes metrópoles barulhentas, poluídas e com suas favelas insalubres, quer nas pequenas cidades preconceituosas, proibitivas e com suas normas terríficas.

A psique, objeto da pesquisa psicológica, só pode ser compreendida e trabalhada considerando-se essas condições ambientais. Portanto, as noções de ecologia, que nos remetem às questões de urbanização, saneamento, enfim, condições de sobrevivência, são centrais no trabalho comunitário.

Embora grande parte do trabalho do psicólogo comunitário seja desenvolvido em comunidades carentes, periféricas ou faveladas, isto não significa que o atendimento da Psicologia Comunitária esteja restrita a este tipo de população. Na realidade, embora haja mais demanda por parte dessas populações, justamente pelo fato de serem mais carentes, o psicólogo comunitário tem todo um espaço de atuação junto aos sujeitos de classe média e alta. Onde houver movimentos urbanos, associações de moradores, associações religiosas, sindicatos, grupos minoritários, associação de consumidores, associações de profissionais, grupos de mulheres, de donas de casa, organizações ecológicas, centros culturais e outras formas de reunião é possível a atuação do psicólogo comunitário.

Trabalhando, quer nos processos básicos de urbanização e saneamento, quer nos problemas gerados pelo crescimento modernizador desenfreado, o psicólogo comunitário está interessado na melhoria da qualidade de vida.

Assim como a participação do cliente é necessária para o andamento de uma terapia individual, o engajamento comunitário é imprescindível para qualquer trabalho de Psicologia Comunitária. O psicólogo comunitário, trabalhando com grupos que surgem nos movimentos sociais, resgata na sua prática todo o conhecimento da dinâmica dos grupos, organizações e instituições. Arelado a demandas e práticas coletivas de reivindicações e lutas, o psicólogo comunitário acompanha os movimentos da população na qual trabalha ou, em caso de miséria sócio-política, cria alguns dispositivos para provocá-los.

Nas comunidades carentes, o trabalho do psicólogo comunitário está atravessado pela ausência dos meios imprescindíveis de consumo coletivo tais como, infra-estrutura de saneamento (redes de esgoto, calçamento, energia elétrica, água encanada, etc), saúde (física e mental), moradias decentes, meios de transportes, escolas, trabalho, etc. Noções preventivas de doenças e higiene (aquí entendida como a arte de conservar e recuperar a saúde) fazem parte dos programas de combate à miséria econômica.

Nestas comunidades o psicólogo comunitário atua na questão psicopolítico-social no sentido de buscar a reciprocidade entre os sujeitos, a ajuda mútua e o cooperativismo nas formas de associação. Para tanto, lança mão de seus conhecimentos de técnicas e práticas grupais. Incentivando as organizações próprias e a autonomia, o psi-

cólogo trabalha pela construção de comunidades autônomas e livres. Consciente da importância da história dos grupos sociais, o psicólogo investiga, junto às populações, as suas formações históricas.

A história de algumas comunidades da periferia belo-horizontina retrata lutas, movimentos, fracassos, derrotas e vitórias em quadros de passividade aparente, desencantos, descrenças ou esperanças. O bairro "Horto Florestal", por exemplo, ainda hoje traz as marcas de sua história traçada pelas linhas da primeira ferrovia e das oficinas da Central do Brasil datadas de 1919. Com uma história de greves de operários da Central e suas conseqüentes dispensas e remoções de emprego, o bairro "Horto" caracteriza-se também pela sua Banda de Música que sobrevive desde 1934 e uma igreja construída em 1946. A religiosidade dos moradores tem-se manifestado nas festas, nas visitas ao Presépio do Pípiripau e nas lembranças das atuações político-religiosas da JOC (Juventude Operária Católica), ali fundada em 1967.

Dentre as histórias dos 400.000 favelados de Belo Horizonte, podemos citar a dos moradores da "Vila Maria", situada no bairro "Gorduras", e que foi construída para abrigar flagelados das enchentes de 1979. As 824 casas de madeirite, sem divisões internas e sem banheiro, foram recusadas pela maioria dos flagelados e ocupadas por pessoas ainda mais carentes. Em meio a tamanha miséria, surgiu uma Associação de Moradores que tem promovido algumas melhorias no local (Posto de Saúde, cursos profissionalizantes e novas casas com recursos do BNH).

Um exemplo de imobilização sócio-política dos moradores é o caso da vila "Acaba Mundo", situada no bairro "Sion", que, com seus córregos poluídos e o fedor do lixo e detritos, sem qualquer infra-estrutura de saneamento, abriga cerca de 1.300 pessoas. Doenças, cenas de violência e alcoolismo são freqüentes entre os moradores. Alguns de-

les expressam suas queixas de corrupção em relação ao presidente de sua Associação, que não promoveu nenhuma melhoria na vila e, possivelmente, tem contribuído para a desmobilização do frágil movimento de participação dos moradores. Em casos como estes, o psicólogo comunitário deve lançar mão de dispositivos de provocação contra o medo dos moradores e a miséria sócio-política reinante, tais como: promoção de reuniões, formações de grupos de jovens, incentivo a clubes de mães e outros.

Nas comunidades de nível sócio-econômico mais elevado, o psicólogo comunitário desenvolverá seu trabalho atento às reivindicações dos diferentes movimentos cidadãos. Estará alerta aos problemas gerados pela sociedade esquizo-moderna, que massifica a comunicação, polui o ambiente, sufoca a diversidade, massacra a alteridade, especula sem freio na questão imobiliária e reduz os espaços de lazer e manifestação cultural. Alguns exemplos de mobilizações reivindicativas puderam ser vistos nos jornais dos últimos dias: "Moradores detêm a marcha do metrô para Ipanema", "moradores do Posto 6 (Copacabana) protestam contra a venda de terreno do Exército" e "Passeata ecológica reúne três mil estudantes do pré".

Reconhecendo como pontos de impasse nas comunidades modernas a crescente burocratização, a alta especialização e hierarquização do trabalho e o trabalho alienado do prazer, o psicólogo comunitário volta-se para a busca de uma autonomia, sem abanar a perspectiva internacional, lutando contra o desperdício insensato dos recursos ambientais e procurando incrementar novas formas de relações entre o homem e a natureza.

Elizabeth e Marília são psicólogas sociais (Experiência em Ensino, Pesquisa e Prática Comunitárias). Autoras do livro: "Em torno da Psicologia Social".

### Abrapso em Belo Horizonte

A Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) está, desde julho de 1987, funcionando com sua nova diretoria em Belo Horizonte. A nova diretoria, eleita durante a 39ª Reunião Anual da SBPC, é integrada por Elizabeth de Melo Bomfim (Presidente), Marcos Vieira Silva (1º Secretário), Karin Ellen Smigay (2a. Secretária), Bianca Guimarães (1a. Tesoureira), Stella Goulart (2a. Tesoureira) e Marcos Goursand de Araújo (Vice-Presidente da Regional Minas).

A ABRAPSO é uma sociedade civil, autônoma, com fins não lucrativos que tem por finalidades: garantir e desenvol-

ver as relações entre pessoas dedicadas ao estudo, ensino, investigação e aplicação da Psicologia Social no Brasil; propiciar a difusão e o intercâmbio de informações sobre o desenvolvimento do conhecimento e prática da Psicologia Social; organizar conferências e cursos e promover a publicação de trabalhos de interesse para o desenvolvimento da Psicologia Social.

A ABRAPSO tem feito publicações em o "Boletim" bimestral e a revista "Psicologia e Sociedade" com circulação semestral. Ainda, tem promovido Congres-

os e Encontros Nacionais e Regionais e mantido várias atividades junto à SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Maiores informações:  
Elizabeth de Melo Bomfim  
Rua Carangola, 288 — Santo Antônio  
Sala 324 — Belo Horizonte — CEP 30350  
III Encontro Mineiro de Psicologia Social

A Associação Brasileira de Psicologia Social — ABRAPSO, o Departamento de Psicologia da UFMG e o Departamento de Psicologia da PUC/MG estarão promovendo nos dias 13, e 14 de novembro III Encontro Mineiro de Psicologia Social.

O Encontro terá dois dias de debates e será realizado na FAFICH-UFMG. Com o apoio do CRP-4a. Região, do Centro de Estudos de Psicologia da UFMG e do Grupo de Estudos de Saúde Mental, os temas a serem tratados no evento dentro da Psicologia Social são a saúde, a educação, a cultura e arte, a política, a psicossociologia e psicanálise, a psicologia comunitária e ecologia humana.



O meio ambiente tem sido uma questão cada vez mais discutida. E isto se deve à crescente destruição ambiental, e conseqüentemente, à reação de movimentos a favor da natureza que têm recebido respaldo popular e conquistado maiores espaços nos veículos de comunicação.

A AMDA — Associação Mineira de Defesa do Ambiente é uma das entidades que trabalha em função da melhoria do meio ambiente. Entretanto, não se prende apenas a problemas especificamente ecológicos, considerando também as condições políticas, econômicas, sociais e culturais que envolvem as questões ambientais. Nascida na Faculdade de Ciências Econômicas em agosto de 78, através de biólogos e economistas, a AMDA se viabiliza através do trabalho voluntário e da contribuição de associados, dispensando qualquer participação financeira do Estado e de empresas.

Segundo Maria Dalce Ricas, diretora e uma das fundadoras da entidade, desde o início estava claro que a AMDA não poderia adotar uma postura meramente conservacionista. Para ela, as condições sócio-econômicas devem ser questionadas simultaneamente à conservação da natureza. "Os motivos básicos da depreciação são os modelos político e econômico, e a cultura entra como agravante desta destruição". A crítica ao modelo econômico do Brasil se deve principalmente à utilização dos recursos naturais como se fossem infinitos. "Isto caracteriza a falta de compromisso para com as gerações futuras", ressalta.

No País, a situação do meio ambiente tem se mostrado alarmante. O solo, por exemplo, tem sido desgastado em função do sistema agrícola utilizado no Brasil que, sendo importado dos países temperados, é inadequado ao tipo de solo e clima. "O governo e a sociedade não questionam a possibilidade de mudar o modelo agrícola; as formas alternativas nem são consideradas".

E Minas não é exceção do descaso em que se encontra o meio ambiente, pois a poluição e a depreciação têm sido constantes. Com relação aos cursos d'água, a contaminação tem atingido quase que a totalidade. E isto está ocorrendo em um Estado que tem a segunda maior bacia hidrográfica do País. Em pequenos córregos e até em rios interestaduais como o São Francisco vemos mostras de contaminação. Os casos mais graves são os rios Piracicaba, que já está totalmente morto; o Paraopeba; o rio das Velhas; o Paraíba do Sul; o Jequitinhonha, cuja poluição se deve à mineração de ouro e diamante da região; o rio Grande, atingido pelo vinhoto e agrotóxicos, e também o rio Doce, no Vale do Aço.

A poluição do ar é um dos graves problemas ambientais do País, e também do Estado. Apesar de sua solução não ser muito difícil, existem em Minas alguns pontos críticos como o Vale do Aço, a Cidade Industrial e outros mais brandos como nas regiões de Governador Valadares, Juiz de Fora e Montes Claros. Segundo Dalce, não fo-

ram solucionados em virtude da incapacidade do poder público, face ao cumprimento das leis ambientais.

O solo do Estado também não está sendo poupado. De acordo com Dalce, a Zona da Mata só tem nome, pois é a região mais desmatada de Minas, com erosões e voçorocas enormes, além da perda de fertilidade do solo. A destruição da cobertura florestal é alarmante. Dalce observa, que "com otimismo, ainda se pode considerar que restam 15% da cobertura florestal no Estado, incluindo capoeira em regeneração". A expansão da fronteira agrícola e o carvoejamento são apontados como a causa desta destruição.

Diante da realidade ambiental do Estado, a AMDA tem desenvolvido um trabalho, em três frentes, visando interferir neste processo destrutivo e inconseqüente que está ocorrendo com relação ao meio ambiente. A primeira frente de trabalho ocorre através de pressão contra os órgãos institucionalizados (CONAMA, COMEL, COPAM). A segunda corresponde ao apoio e orientações da AMDA junto à comunidade, de acordo com as solicitações; e a terceira e última frente de atuação é desenvolvida através da popularização da questão ambiental através de atos públicos.

Além das frentes de trabalho, a AMDA articula, de forma espontânea, com grupos, entidades, ou pessoas interessadas na questão ambiental. "O movimento tem um caráter positivo que é o de ser heterogêneo. Desde vegetarianos, que se consideram parte do movimento, até a AMDA, que tem uma postura política definida fazem parte do movimento ambiental".

De caráter apartidário, os membros da AMDA mantêm relação com qualquer partido, não existindo nenhum filtro ideológico. No caso específico do PV — Partido Verde, a AMDA não é favorável à sua criação neste momento, embora não tenha interesse em coibir nenhuma iniciativa do Partido. As críticas dirigidas ao PV se referem ao fato de se basear somente na luta da questão ecológica. "Não só com esta causa se faz um partido", argumenta Dalce. Ela acrescenta que todos os partidos deveriam abraçar inclusive a causa ecológica.

A AMDA não é associada à entidades. Porém, faz parte da Rede Latino Americana de Entidades Ambientais Não — Governamentais e da PAN — Pesticidas Action Network, que é uma rede de luta contra pesticidas, composta por representantes de 34 países.

Associações ligadas à questão ambiental de outros estados mantêm contato com a AMDA. A ACAPEMA — Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente é uma delas, sendo considerada por Dalce um movimento que tem crescido e recebido participação da comunidade.

E o Espírito Santo tem merecido a atenção da AMDA, que pretende criar um vínculo entre este Estado e Minas. O interesse se justifica porque o Espírito Santo, além de estar próximo, foi arrasado nos últimos dez anos, tendo como conseqüência, graves problemas ambientais. Ela exemplifica citando o Porto de Tubarão, que está sendo um grande agente poluidor.

Outro problema que tem preocupado a AMDA no Estado é o comércio de loteamento que praticamente arrasou seu litoral. "Itaúnas é um

dos últimos lugares que ainda não foi assolado". Com relação a esse lugarejo, a entidade já manifestou sua posição ao IBDF, solicitando atenção e providências para que não seja mais uma vítima da destruição e descaracterização.

Mas nem sempre o trabalho desenvolvido pela AMDA corresponde às expectativas. Com relação às irregularidades denunciadas aos órgãos IEF, IBDF, COPAM e à Polícia Federal, Dalce garante que, em sua maioria, não há retorno. "A COPAM, esse ano, por exemplo, não tem feito quase nenhuma vistoria, chegando a conceder licenças de funcionamento "ad referendum" a empresas poluidoras como usinas de açúcar e álcool".

Analisando o desempenho do IEF, Dalce observa que o órgão estava caminhando para uma ação mais coerente no que se refere à proteção das reservas florestais. Mas atualmente, "está jogado às traças, faltando condições mínimas de trabalho, sem ao menos transporte para vistoria".

Dalce acredita que o atual governo de Minas tem sido responsável pelo agravamento dos problemas ambientais. "Newton Cardoso não é o responsável pela situação em que se encontra o meio ambiente, mas ele tem sido o grande patrocinador da destruição ambiental do Estado; depois que assumiu, a situação se agravou".

Além da falta de assistência dos órgãos competentes, a AMDA se depara com outra barreira, que são os entraves judiciários. "É muito difícil que a justiça considere e atue a respeito da agressão à natureza". Segundo Dalce, os poucos inquéritos concluídos foram arquivados, acontecendo o mesmo com os solicitados pela AMDA. "A promotoria pública nem ao menos respondeu".

Em 07 de agosto de 1986, a Lei 7.511 alterou o código florestal, anulando o artigo 19 que permitia que se retirasse a mata, plantando eucalipto em seu lugar. De acordo com a Lei, a vegetação nativa (cerrado, mata secundária ou primária e capoeira em grau avançado de regeneração) só poderia ser retirada caso fosse apresentado um projeto onde houvesse o compromisso de plantio da mesma vegetação e quantidade retirada. "A lei é boa, mas existem denúncias e a certeza de que não está sendo cumprida".

Por ser uma entidade voluntária, falta à AMDA recursos para montar um departamento jurídico para desenvolver um trabalho junto ao poder judiciário. "Se tivesse, os destruidores poderiam ser punidos através da justiça, além de conscientizar promotores e juizes".

O descaso do poder judiciário para com o meio ambiente é considerado por Dalce fruto da questão cultural, gerando ignorância e descaso pela problemática do meio ambiente, além do fato de violações de leis ambientais serem apenas contravenções penais. "Nossa esperança é de que, através da Constituinte, estas infrações sejam consideradas crime".

## À margem da vida:

os rios ...

as montanhas ...

enfim,

A Natureza.



## PSIND-MG: Crise financeira em debate

Há cerca de seis anos um grupo de profissionais dava o primeiro passo no sentido de organizar a categoria de psicólogos em torno de um sindicato. A exemplo dos grandes centros do país, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, entre outros, os sete mil psicólogos mineiros contam hoje com um sindicato na luta por melhores condições de vida e trabalho.

A partir de 1983, o número de sindicalizados aumentou progressivamente, contribuindo para a consolidação da entidade. Recentemente, em levantamento feito pela diretoria do PSIND-MG, constatou-se que cerca de hum mil e setecentos psicólogos estão sindicalizados.

Por ser uma entidade representativa de profissionais liberais com características próprias, a diretoria do PSIND-MG vem se debatendo, nos anos de sua existência, em torno de uma das questões vitais para o sindicato: a situação financeira da entidade.

E se o debate se deu em todos estes anos, hoje ele é premente: vivemos um momento constituinte com a perspectiva de uma redefinição no sindicalismo brasileiro. Diante deste quadro, o PSIND-MG, em assembléia geral dos associados ocorrida dia 24 de setembro, encaminhou a discussão dos problemas da entidade. O principal objetivo desta iniciativa consistiu em preparar os psicólogos para responderem de forma satisfatória a esta realidade e fazer frente à transformação que se anuncia.

### Crise

Na avaliação da presidente do PSIND-MG, Elizabet Dias de Sá, a enti-

dade vivencia hoje uma das mais sérias crises financeiras. "A situação econômica brasileira contribui significativamente para o agravamento deste quadro, explica Elizabet, no entanto, aliada a esta questão existe uma série de fatores que são também determinantes".

O congelamento da contribuição fixada este ano no mesmo valor de fevereiro de 86, promovido também pelo arrocho salarial advindo com as últimas medidas econômicas, pode ser apontado como um deles. Outro dado relevante está relacionado com a dificuldade na arrecadação da anuidade e imposto sindical.

Segundo a presidente do PSIND-MG, "a parcela assalariada da categoria se distribui em vários sindicatos. Outra parcela, também significativa, pertence ao quadro do funcionalismo público, considerando-se "desobrigada" do imposto sindical. E finalmente, uma boa parte dos psicólogos que é a de autônomos, por sua vez não tem o desconto compulsório do imposto sindical na folha de pagamento", explica.

### Consciência

A distribuição da categoria em parcelas de assalariados, funcionários públicos e autônomos não contribui sozinha para o agravamento da situação financeira do sindicato.

"O psicólogo ainda não está consciente de que faz parte de uma categoria profissional, e que o seu sindicato é o espaço para a organização e mobilização em torno de melhorias", adverte a presidente.

Para Elizabet, muitos têm procura-

do a entidade no momento em que se sentem lesados e quando está em jogo o interesse pessoal. "Apesar de considerar muito importante esta procura, pois ela revela a necessidade e o reconhecimento da entidade sindical, estamos longe de romper com o caráter paternalista que ainda envolve a relação sindicato e categoria", sentencia.

### Soluções

Além da criação de espaços, através de debates e mesas-redondas, para discutir a relação do psicólogo e sua entidade representativa, várias outras sugestões, no sentido de melhorar a atuação do PSIND-MG, foram apontadas pela categoria, reunida na última assembléia.

Em um breve relato, Elizabet Sá conta que o primeiro passo a ser dado é intensificar a campanha de sindicalização, levando o PSIND-MG ao psicólogo em todos os locais de aglomeração e de trabalho da categoria.

A mudança no sistema de cobranças é indispensável, e segundo Elizabet através da instituição de carnets próprios enviados às residências e até mesmo descontos e parcelamentos dos atrasados funcionarão como mecanismos de liquidação dos débitos.

A presidente lembra ainda que, além disto, os psicólogos devem mobilizar-se em torno do processo sucessório

da entidade, cuja diretoria atual cumpre seu último ano de mandato. "Apresentamos à categoria uma entidade devidamente alicerçada e deixamos para a nova gestão o legado de consolidar e empreender novos projetos, fazendo com que o nosso sindicato venha a cumprir o seu papel social" finaliza Elizabet.

### Faça sua inscrição

Para se inscrever no PSIND/MG, preencha o formulário, enviando anexo dois retratos e o valor de Cz\$10,00, relativo à taxa de inscrição, para a Caixa Postal 1228 — Belo Horizonte/MG.

### PSIND - MG

Sindicato dos Psicólogos do Estado de Minas Gerais

Proposta de Sindicalização		Retrato
NOME		
FILIAÇÃO		
PAI		
MÃE		
DATA DE NASCIMENTO	NACIONALIDADE	
NACIONALIDADE	ESTADO CIVIL	CPF
IDENTIDADE Nº	DATA EXPEDIÇÃO	ORÇÃO EXPEDIDOR
ENDEREÇO RESIDENCIAL		
RUA / AV.	Nº	APTO.
BAIRRO	CIDADE	
ESTADO	CEP	PHONE
ENDEREÇO PROFISSIONAL		
ESTABELECIMENTO ONDE TRABALHA		
RUA / AV.	Nº	
BAIRRO	CIDADE	
ESTADO	CEP	PHONE
REGISTRO NO CRP _____ 4ª REGIÃO DATA EXPEDIÇÃO ____/____/____		
Nº INPS _____ (PARA AUTÔNOMOS)		
LOCAL E DATA		
ASSINATURA		
OBS:		
COMISSÃO DE SINDICALIZAÇÃO		
1º _____		
2º _____		
3º _____		
RESOLUÇÃO DA DIRETORIA		
<input type="checkbox"/> Definitivo		
<input type="checkbox"/> Interferente		
em reunião de _____		
DIRETOR DA SECRETARIA _____		
Comunicação expedida em data de ____/____/____		

A peça de teatro "Frank Quinto: A Justiça Compensa?", comédia escrita no início dos anos 60 pelo suíço de língua alemã, Friedrich Durrenmatt, está em cartaz no Teatro Marília de quarta a domingo, a partir das 21 horas.

Com o objetivo de investir na cultura, o Conselho Regional de Psicologia — 4.ª Região conseguiu junto à produção executiva de Frank Quinto um desconto de 30% sobre o valor do ingresso para os psicólogos que apresentarem a carteira do CRP-04 no dia 25 de novembro.

## O teatro ao seu alcance

### "A Comédia dos Bancos"

Dirigida e adaptada por Pedro Paula Cava, a peça, também chamada de "A Comédia dos Bancos", expõe o sistema bancário com seus roubos e fraudes, muito comuns no Brasil, através do humor, denúncias

e de uma crítica social incisiva e atual.

Trata-se de um musical bem brasileiro com marchas, tangos, boleros, rocks e baião, além dos personagens representarem estereótipos de gangsters, vilões, bandidos e cúmplices dos crimes do sistema capitalista contra a economia popular.

A tradução é de Carlos Queiroz Tales e Tereza Linhares; músicas originais: Paul Buckhardt; trilha sonora: Marcelo Alkmim; cenários: Raul Belém Machado; figurinos: Décio Noviello; cenografia: Dulce Beltrão; preparação vocal: Babaia; assistente de direção: Marcelo Castilho Avelar e produção executiva: Christiane Antuñia.

No elenco, Wilma Patrícia, Miguel Rezende, Luciano Luppi, Anita Garibaldi, Júlio Mackenzie, Moema Sá, Paulo Jamarino, Paulo André, Pedro Plínio, Olaviano Marçal, Dilson Mayron e Amaury Reis.



# Num quadro negro... a educação

A educação institucional no Brasil está em crise. E isto faz parte de todo um processo político, econômico, social e cultural em que vive o País. Mas este aspecto não está sendo desconsiderado. Tanto que a escola está sendo objeto de estudo e análise por alguns profissionais ligados à área educacional. Eles têm levantado questões relativas à organização, conteúdos e práticas da instituição, por perceberem que os resultados obtidos com o tipo de ensino em vigor não estão sendo satisfatórios.

Em função disso, mais de 200 profissionais reuniram-se no 1.º Encontro de Psicologia Educacional, realizado pelo Conselho Regional de Psicologia — 4.ª Região, no mês de agosto, para discutirem a estrutura do sistema educacional.

“A escola como qualquer instituição social deve ter um trabalho coletivo, de instituição, de grupo”. Esta opinião é do psicólogo paulista Sérgio Antônio da Silva Leite, que tem trabalhado desde 1971 desenvolvendo projetos com o objetivo de incrementar a questão da alfabetização na rede pública. Segundo ele, a pesquisa com proposta pedagógica abrange não só um trabalho de conscientização do que é alfabetização, mas principalmente do desenvolvimento de novas formas de organização interna dentro de uma escola.

Um fator que deve ser considerado em qualquer proposta de mudança dentro da instituição é o de que o corpo docente tenha, em algum nível da estrutura, o poder de decisão. Além disso, deve ser hábito para os professores as discussões acerca do trabalho educacional desenvolvido.

## A escola deve preparar para a vida

E os resultados obtidos pela escola estão muito ligados ao seu tipo de organização. Até então, 50% de repetência dos alunos era justificado por uma deficiência na própria criança. Mas Sérgio Leite discorda desta abordagem, exemplificando que um projeto realizado com uma população periférica em Mogi das Cruzes, São Paulo, demonstrou que somente 5% das crianças realmente precisariam de um atendimento diferenciado, ao invés de 50% como era alegado.

A partir desse dado, verifica-se que o problema é mais da escola do que da criança, o que implica na identificação e reavaliação da instituição, principalmente em termos de conteúdo e prática. “A forma como a escola pública está montada em termos de currículos, programas, práticas, tipos de professor e suas concepções ideológicas se choca frontalmente com o grosso da população que frequenta este tipo de escola, que é a classe pobre”, critica Sérgio Leite.

As escolas públicas foram criadas em função de uma criança de classe média. E isto representa uma dificuldade para as crianças de baixa renda, pois o ensino nestas instituições pressupõe uma série de princípios, valores e conhecimentos pertinentes à classe média, mas inadequados à base da pirâmide social. “Quem tem que se alterar é a escola, e não a criança, pois esta chega com um padrão cultural que deve ser entendido e trabalhado pela instituição”.

Mas os conteúdos trabalhados pela escola não estão voltados para a vida das pessoas, pois são determinados pelos setores dominantes em termos culturais e econômicos, para os quais a Universidade representa um canal de ascensão. O confronto ideológico travado com relação ao conteúdo é que a escola deve ser um preparo para a vida, e não um veículo para a Universidade, como se este fosse o objetivo de todos.

E é sob este aspecto que é abordado o uso de computadores nas escolas. Segundo o psicólogo paulista, a educação só acompanhará o processo de mudança de novos signos se estiver acompanhando e analisando em níveis sociais. “O uso de computadores é inevitável, mas o importante é que a escola adote a melhor forma política em função do aluno”.

Ele cita ainda o exemplo da educação sexual nas escolas, que ainda está sendo motivo de muita polêmica, demonstrando o atraso nas discussões re-

lativas à educação. “Enquanto discutimos se vale ou não a pena orientar sexualmente os alunos, estes têm aula sexual todos os dias diante da televisão”. É sob este prisma que se torna relevante a argumentação de que a escola deve preparar o aluno para a vida, se tornando um espaço onde os jovens estejam discutindo os problemas que enfrentam, ao invés de receberem uma carga de conteúdos muitas vezes inadequada.

A deficiência da escola fica mais evidente se os dados do fracasso escolar forem analisados. Em todos os anos pode-se perceber um determinado número de repetência, mas existem três ocasiões em que este índice se eleva: A 1.ª série, a 5.ª série e o 1.º ano do 1.º grau. E isto em grande parte ocorre em função da mudança nas condições de ensino.

Estes instantes propiciam a percepção da deficiência da escola, que não tem continuidade com relação à organização, programas e tipos de professores. São nesses momentos de ruptura que a situação fica mais evidente, pois os índices de repetência aumentam.

Um exemplo da falta de continuidade foi demonstrado através de uma avaliação aplicada a alunos da 4.ª série, em 15 escolas de Guarulhos, da qual Sérgio Leite participou. O resultado desta avaliação indicou que os alunos não dominavam os conteúdos que deveriam dominar por estarem cursando a 4.ª série. A consequência disto é um número elevado de reprovações.

Com o objetivo de suavizar os índices do fracasso escolar, já se discute no País a utilização da pré-escola como um espaço para preparar a criança para o 1.º ano, extrapolando seu papel de auxílio aos pais que trabalham fora. Sérgio Leite discorda dessa nova ênfase dirigida à pré-escola: “A criança é muito mais que um ser que se prepara para ler e escrever; é um ser global, se construindo”.

Ele observa ainda, que a pré-escola brasileira praticamente não existe, pois

é muito restrito o número de crianças atendidas por algum tipo de educação infantil. Além disso, grande parte dessas crianças frequentam escolas particulares, enquanto a população carente não tem acesso à pré-escola.

## A volta às escolas públicas

O fato de as escolas precisarem de uma reestruturação parece inegável. E as perspectivas de mudanças são analisadas sob dois aspectos. Por um lado, a pesquisa na área de educação tem merecido mais atenção nos últimos cinco anos por parte do Governo, além de outras áreas de conhecimento se envolverem com esta questão.

Mas por outro lado, está ocorrendo um problema a nível de Secretarias de Educação, que segundo Sérgio Leite, é fruto da falta de continuidade, ou seja, os Governos ou grupos que assumem desejam resolver os problemas a curto prazo para obterem ganhos políticos. “Não vamos resolver os problemas a curto prazo”, enfatiza.

“A melhoria da escola depende da mudança das pessoas que assumem postos-chave, adotando uma nova maneira política de enfrentar o problema, e também do nível de coordenação popular”. A prova de que a participação da população é importante no processo de mudança e melhoria nas condições de ensino é a dualidade existente nas escolas públicas neste período de recessão, o que tem causado modificações.

Enquanto no período pós-64 a dualidade entre escolas públicas e particulares foi acentuada, agora percebe-se o retorno da classe média para as escolas públicas, desencadeando uma nova dualidade dentro do ensino público. “A consequência disto é que as escolas públicas que atendem os bairros de classe média estão melhorando seu padrão de ensino, em função da pressão exercida pela comunidade, enquanto os de periferia continuam bem ruins. A pressão social acaba alterando o quadro”.

# COF busca normatizar atividades dos psicólogos

A COF — Comissão de Orientação e Fiscalização está desenvolvendo neste semestre, um projeto que abrange três áreas de trabalho do psicólogo: Recrutamento e Seleção; clínicas conveniadas à LBA — Legião Brasileira de Assistência; e Consultoria, que abrange treinamento, acompanhamento de pessoal e avaliação de desempenho.

Objetivo deste projeto, iniciado em setembro, é o de detectar as atividades desenvolvidas nestas áreas, para subsidiar o CRP-04 na norma-

tização e regulamentação do exercício profissional do psicólogo. Isto, porque são maiores as dificuldades de trabalho nestas áreas, devido às indefinições das atividades dos psicólogos, exploração de mão-de-obra, e até mesmo condições físicas inadequadas à execução do trabalho.

Em função disso, a pesquisa terá como principais abordagens as relações trabalhistas, e as condições físicas e técnicas de trabalho. A partir dos dados coletados através do questionário dirigido a profissionais de cada área e que o CRP

terá embasamento para a discussão e normatização dessas atividades profissionais. Com esta medida, os psicólogos terão mais garantias ao exigirem melhores condições de trabalho, o que beneficiará a população que se utiliza de seus serviços.

Com relação à LBA, a discussão não se restringirá à região que o CRP abrange, já que esse órgão de assistência existe a nível nacional. Desta forma, já foram realizados contatos com os demais conselhos, a fim de promover o intercâmbio de informações à respeito dessa questão.

Vale ressaltar que a participação e mobilização dos profissionais é de fundamental importância para o desempenho desse projeto. Desta forma, os psicólogos interessados em tomar parte desse trabalho poderão entrar em contato com a COF, que tem interesse em desenvolver o projeto junto aos profissionais. Dois grupos de psicólogos da área de Recrutamento e Seleção já entraram em contato, abordando alguns problemas identificados na prática profissional. A participação pode ocorrer por carta, telefone, ou visita ao CRP-04.



## O placar da psicologia do esporte

Apontado pela pesquisa realizada pelo CRP-04, o esporte é um campo de atuação a ser explorado pelo psicólogo.

A psicologia do esporte é desconhecida por grande parcela da população, dos clubes e instituições esportivas, e até mesmo por parte dos profissionais.

No Brasil, a primeira experiência do trabalho do psicólogo junto a desportistas foi através de Athayde Ribeiro da Silva, que trabalhou com o professor Mira Y Lopes, atendendo equipes de futebol. Atualmente, o Estado brasileiro que tem se desenvolvido no campo dos esportes é o Rio Grande do Sul, dotado de teóricos como o psicólogo e educador físico Benno Becker.

Em Belo Horizonte, existem pelo menos dois trabalhos desenvolvidos por psicólogos nos esportes. Um deles é realizado pelas profissionais Sônia Lúcia Garzon Mineiro e Maria Regina Capanema Bahia, no Minas Tênis Clube, e o outro na Diretoria de Esportes, órgão vinculado à SELT — Secretaria do Esporte Lazer e Turismo, através das psicólogas Bárbara Bhering Andrade e Maria Cristina Machado Cabral.

No Minas, o trabalho junto aos atletas teve início em 1981, através das psicólogas que atuam no clube até hoje. Na condição de mães de atletas, elas detectaram alguns acontecimentos que demandavam intervenção psicológica, e apresentaram uma proposta de trabalho que foi aceita pelos diretores que já sentiam falta desse tipo de assistência.

A demanda da assistência psicológica decorreu da falta de conscientização do atleta com relação ao treinamento. Além disso, era necessário subtrair as dificuldades de competição do esporte individual em função da tensão, como também trabalhar a relação do grupo em esportes coletivos. Apesar da resistência inicial dos técnicos com relação ao trabalho das psicólogas, atualmente são esses profissionais que solicitam o atendimento quando o julgam necessário.

Já o trabalho na Diretoria de Esportes é mais recente, tendo se iniciado há três anos. Era perceptível a carência de um atendimento psicológico junto ao atleta, pois existiam fatores que interferiam em seu desempenho, não havendo para isso, uma assistência adequada. Foi a partir daí que a psicóloga Cristina Cabral iniciou seu trabalho na Diretoria de Esportes, com a implantação do Departamento de Psicologia.

Ao contrário do que acontece no Minas, onde o técnico solicita o trabalho das psicólogas, as profissionais da Diretoria de Esportes são procuradas pelos próprios

atletas, muitas vezes por curiosidade, ou por indicação do serviço médico, quando algumas dificuldades emocionais que interferem no desempenho dos atletas são percebidos.

E tanto no Minas quanto na Diretoria de Esportes o trabalho é desenvolvido junto a outros profissionais ligados ao atleta. No clube, as psicólogas se reúnem com preparadores físicos, médicos e técnicos, principalmente em época de competição para detectarem, juntos, os problemas existentes, bem como procurar a maneira adequada de solucioná-los.

Este trabalho interdisciplinar também acontece na Diretoria de Esportes. Neste órgão existe a preocupação de vincular o trabalho do médico, preparador físico, massagista, técnico, psicólogo, nutricionista, enfermeira e da assistente social, com a qual são desenvolvidos a maioria dos projetos elaborados pelas psicólogas. "O objetivo dessa técnica interdisciplinar é que o atleta federado tenha atendimento gratuito, e seja dotado de uma infra-estrutura que interfira positivamente em seu desempenho", esclarece Bárbara.

### Dinâmica de grupo: uma técnica eficiente

Mas o fato de o trabalho em equipe ser comum ao Minas e à Diretoria de Esportes não elimina as diferenças existentes na atuação dessas profissionais junto aos atletas. No Minas, a técnica utilizada é a dinâmica de grupo, abrangendo a psicologia social, utilizando inclusive, relaxamento quando necessário. Alguns atletas também são atendidos individualmente visando o esporte, mas em caso de atendimento terapêutico são encaminhados a outros profissionais, na medida em que é percebido um grau mais elevado de dificuldade. E a assistência é dada inclusive quando campeonatos importantes são realizados em outras cidades, onde uma das psicólogas acompanha a delegação de atletas.

Apesar das psicólogas da Diretoria de Esportes também considerarem o trabalho em grupo mais eficiente, isto não acontece neste órgão. Segundo Cristina Cabral, o trabalho de grupo tem um retorno mais rápido que o trabalho individual, mesmo que seja uma modalidade praticada individualmente como é o caso do atletismo. "Se as dificuldades e potencialidades desse atleta fossem traba-

lhadas em grupo, o resultado seria melhor. Mas isto ainda não foi possível na Diretoria de Esportes, pois sua infra-estrutura é deficiente".

### Quando a família interfere

As diferenças existentes entre os serviços prestados no Minas e na Diretoria de Esportes junto ao atleta são determinadas não só pela estrutura de cada um, mas também pelas condições financeiras do atleta.

Se no Minas os atletas são de classe média e alta, dotados de condições alimentares e financeiras adequadas às exigências de esportes na Diretoria de Esportes, os atletas são, na grande maioria, de classe mais pobre, para a qual a prática do esporte apresenta maiores dificuldades.

Tanto para os atletas do clube quanto para os do órgão, a tensão e a frustração são uma constante. Mas para os de baixa renda existe um agravante, que é sua própria condição financeira. Eles têm a preocupação de conseguir o material e dispor do tempo necessário para que o esporte seja praticado. A essas dificuldades soma-se a repreensão da família, que sente a necessidade de que o atleta deixe o esporte para trabalhar e auxiliar no sustento da família. Mas as dificuldades financeiras tornam-se um problema maior quando eles deixam de procurar o atendimento por não terem dinheiro para a condução.

Entretanto, segundo Bárbara, o atleta carente tem mais facilidade de conviver com a frustração do que outros: "Este atleta tem uma própria história de vida que é lutar com dificuldades em termos financeiros, aceitação da família e procura de patrocinador". E só se inverte quando o atleta começa a render economicamente.

A dificuldade enfrentada pelos atletas do Minas com relação à família é oposta. Eles devem, de acordo com a vontade dos pais, iniciar e ter bom desempenho nas atividades esportivas. E as psicólogas do clube muitas vezes detectam que o atleta não deseja praticar o esporte, a despeito da vontade dos pais.

Diante da constatação de que o atleta não deseja a prática do esporte, é priorizada "a pessoa". "O psicólogo que atua no esporte, deve ter muito cuidado em não perder de vista o atleta enquanto pessoa", enfatiza Sônia.

E os resultados do trabalho no clube são visíveis. Segundo Regina, a confiança conquistada e os métodos implantados deram ao Departamento de Psicologia o reconhecimento de seu trabalho por parte do clube, técnicos e atletas. E é o que confirma o técnico de natações Ricardo Trigo: "O trabalho das psicólogas está sendo superválido para minha equipe, pois está mais segura e com mais espírito de grupo".

Na Diretoria de Esportes, os resultados são mais difíceis de serem identificados. E isto está intimamente ligado à demanda dos atletas, que muitas vezes pedem que a ajuda do psicólogo aconteça em termos materiais, ao invés de uma assistência, dificultando o trabalho. Mas em alguns casos, os resultados são perceptíveis, tanto a nível de segurança do atleta, quanto em termos de resultados em competições.

Apesar dos obstáculos, o retorno do trabalho nos esportes tem se mostrado positivo. Desta forma, torna-se inevitável o questionamento da restrita participação do profissional de psicologia neste campo. É consenso entre as profissionais do Minas e da Diretoria de Esportes que este tipo de atuação carece de maior divulgação.

"O campo existe, está aberto, mas deve ser mais divulgado", ressalta Regina. Da mesma opinião é Cristina: "Se houvesse a conscientização da importância do papel do psicólogo nos esportes por parte dos técnicos e dirigentes, todo clube teria um psicólogo". Ela argumenta ainda que "a partir do momento em que abrirem o campo de trabalho, muitos colegas vão descobrir o quanto é importante o trabalho do esporte".

Mas não é só a falta de divulgação que restringe a atuação do psicólogo nos esportes. Muitas vezes os próprios profissionais desconhecem que este campo pode ser mais explorado.

Segundo Cristina, se as Escolas de Psicologia dessem mais ênfase a esta área, os profissionais estariam mais interessados em trabalhar com o esporte. Porém, Sônia adverte que se as escolas enfatizarem esta área haveria o risco de não ter campo de trabalho suficiente para atender a demanda dos profissionais, em função do desconhecimento deste trabalho em atividades esportivas. "Seria necessária uma divulgação mais ampla para sensibilizar as instituições esportivas, para depois evidenciar a Psicologia do Esporte nas escolas", opina Sônia.

CRP-04 / 6842  
MÁRIA DO CARMO MARTINS FONSECA  
R CONS LAFAIETE, 623/201

31030 BELO HORIZONTE

MG

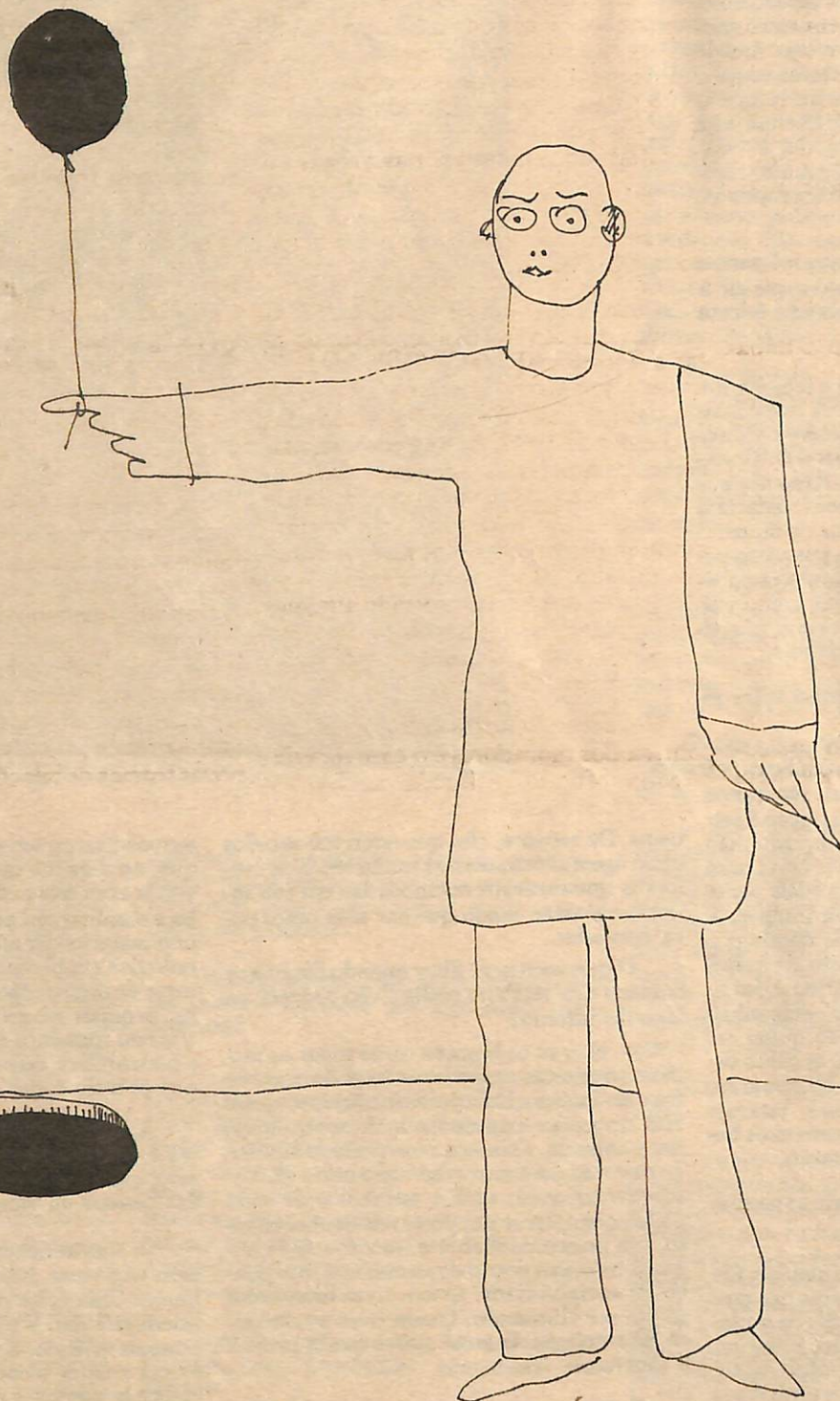




Suplemento  
do Jornal  
do Psicólogo  
CRP-04 - MG/ES

BELO HORIZONTE  
SET./OUTUBRO 87  
ANO 1 - N.º 3

# ESCUTA



## Quando a crise se torna absurda está na hora de mudar

*Perguntamos sobre o que está ocorrendo. Há uma crise generalizada em todos os setores? Ou, ela é política, econômica, social, moral? A crise tem uma casualidade linear?*

*Depois passamos a indagar sobre as suas causas, seus reflexos imediatos sobre a população e as conseqüências sobre as gerações futuras: A crise gera insegurança, descrédito, falta de motivação? Até que ponto a crise afeta as relações humanas? É a crise atual característica de final de século?*

*Por todas estas indagações, dúvidas, incertezas, medos, insatisfações, da própria crise que nos ronda é que resolvemos trazer para o "Escuta" este questionamento. Entrevistamos para falar sobre a crise, Zélia Nascimento, terapeuta sistêmica de casal e família e Célio de Castro, médico, professor universitário, licenciado, vice-presidente da Federação Nacional dos Médicos e deputado Constituinte.*

*São dois pontos de vista que nos levam a refletir sobre o momento que vivemos, sobre as perspectivas atuais e futuras, sobre as possíveis soluções para o impasse que defrontamos.*



# ESCUITA

Zélia, estamos vivendo um período de crise. Faça uma análise dela dentro de seu ponto de vista.

— É importante que a gente discrimine se crise é um valor positivo para nós ou negativo. Se as pessoas tomam que crise é um prejuízo, nós estamos vivendo um período muito ruim. Mas, se acreditamos que crise é um perigo mas que também é oportunidade, nós temos uma época muito boa. Primeiro de topiar com os perigos que travam o crescimento da gente, só isso seria um lucro. É a chance que temos de administrar este perigo. Considero duplamente vantajoso porque crise também além de perigo é oportunidade. Oportunidade de checar as coisas que não valem, que travam o crescimento e buscar novas oportunidades para o crescimento e melhor relacionamento humano.

Acho que Guimarães Rosa anunciou profeticamente esse valor: "viver é perigoso". É perigoso em todos os tempos, em todas as épocas e continuará sendo muito perigoso viver. Portanto, a gente se compenetra disso e aprende a administrar os perigos da vida.

Conversando, você afirmou que esta crise é característica de final de século e que isto gera mudanças e ainda, que muda valores e ideais. Como se processa isto?

— Num final de século as pessoas não têm mais opção de mudar ou não. Agora elas são obrigadas a mudar ou obrigadas a morrer. Ou se enfrenta uma mudança ou se é eliminado por morte física, psíquica, intelectual ou econômica.

As reclamações de que o mundo está errado, a questão do todo poderoso, de massacre da minoria agora, vão ter chance porque este valor de dominador já perdeu o "fio da meada" e os dominados estão agora tendo chance de fazer um contrato em outras bases e passam de dominador a dominado. Assim, o mundo neste final de século está obrigando a gente a abrir mão do poder. Se para eu estar bem o outro tem que estar mal é necessário reverter esta situação e encontrar uma outra forma de relação que é a de cooperação, de igual para igual, de trocas.

Esse é um valor novo. Um valor simétrico de cooperação versus a falência do valor da competição, quem ganhava era mais bem-sucedido. Hoje, os primeiros em qualquer lugar não estão correspondendo as expectativas.

A crise porque passa o nosso país, no econômico, político, social e moral é mais agravante do que em outros países?

— Bom, se temos uma missão histórica bem ampla, podemos observar que ela é igual a todos em final de civilização. É final de um processo e começo de outro. Agora, se considerarmos século XIX e XX por século apenas, nós vivemos uma época melhor. Esta crise é benfazeja, ela traz bons ares porque se toda a vida a gente viveu violências sem poder falar delas, sem poder publicar, sem poder fazer movimentos, hoje, nós a vivemos, crises e violências, podendo discuti-las em todos os níveis. Haja visto as mulheres que sempre foram violentadas e tiveram que guardar estas violências sozinhas. Hoje, no mínimo, elas possuem uma delegacia de mulheres, acesso aos veículos de comunicação para botarem "a boca no trombone".

Há, com tudo isso, uma desarticulação dos valores?

— Eu considero que há uma desarticulação dos valores como também uma reno-

vação de valores. Os valores que até então existiam, acomodação e segurança, ou seja, tanto a nível econômico como familiar visavam chegar no ponto de segurança. As pessoas namoravam e escolhiam bem um homem para seu companheiro para a vida eterna. Trabalhava-se muito para juntar dinheiro, aposentar-se e ter segurança para o resto da vida. Criava-se filhos numa educação rígida para assegurar a eles uma segurança educacional para a vida toda. Hoje, segurança acabou. Os valores duram, no máximo, por dez anos. Daqui a pouco para cinco anos e em breve vão persistir por um ano. A cada ano vamos ter reajustes de valores como o Plano Cruzado I, II, III, vamos ter valores I, II, III... E só vão valer enquanto tiverem uma função dinâmica, for útil e ajudar a vida. Mas, como a vida tem passado muito rápida, a cada ano temos que avaliar propostas, valores, crenças, ideais.

A violência é um dos pontos relevantes de nossos dias mas você considera que até a natureza é violenta. A violência não é fruto da crise pela qual passamos?

— Hoje, a violência existe e temos a impressão que ela é maior uma vez que é mais falada, mais publicada e as pessoas violentadas estão tendo direito de expor sobre a violência da qual padecem. Com a diferença que até pouco tempo atrás, as pessoas padeciam da violência e não podiam falar de maneira alguma sobre ela nem recursos possuíam para sair fora disto. Os nossos primitivos padeceram da violência da natureza como vulcões, ventanias, terremotos porque não tinham como se safar desta violência.

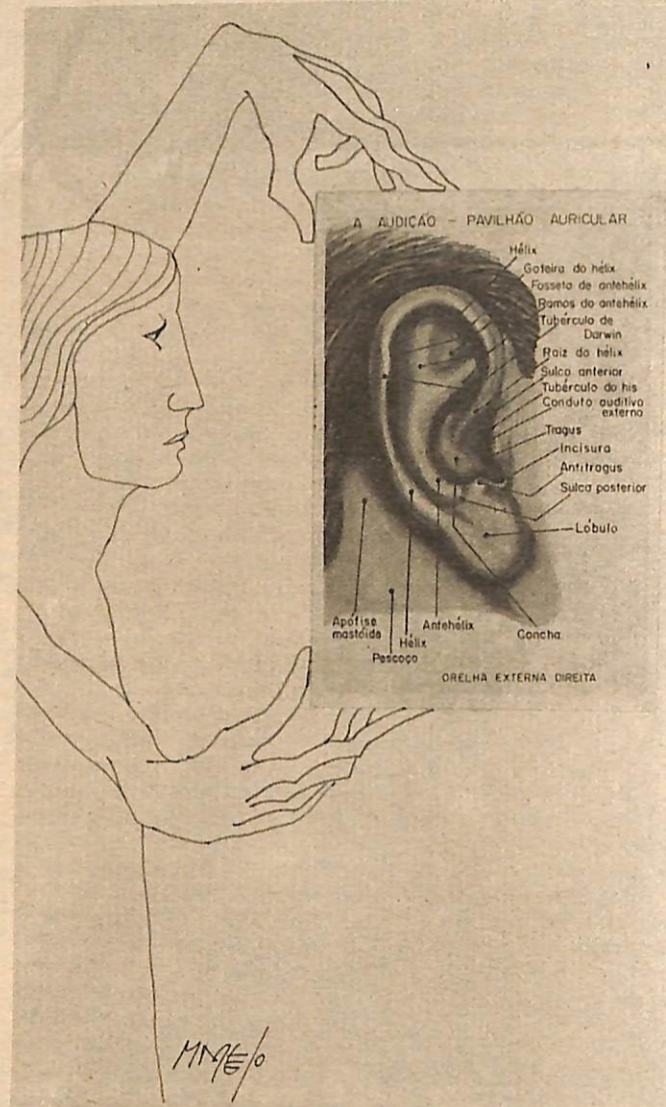
Como anda o relacionamento entre as pessoas em geral?

— Acho que o relacionamento hoje está ótimo porque ninguém tem mais segurança de nada. E quando isso ocorre a opção é sair em busca de uma coisa nova, abrindo mão do seu domínio para negociar de igual para igual. Hoje, os homens não têm mais poder econômico para subjugar uma mulher. A mulher não tem mais poder de dominar o mundo doméstico e os filhos. Nisto ela é obrigada a ser companheira do marido e dos filhos. O marido é obrigado a ser companheiro da mulher e dos filhos se não quiser ser morto e massacrado por eles. E os filhos devem ser amigos dos pais se não quiserem ser abandonados por eles. Portanto, estamos obrigados a ter um relacionamento mais humano ou então todos vão se matar.

O relacionamento íntimo entre as pessoas é melhor nos dias de hoje?

— Eu não sei se está pior ou melhor. Ele está novo, ou seja, todos os pilares que sustentavam a relação de intimidade, de exploração, não funcionam mais. Então, existe um relacionamento humano mais conflitivo, até na própria relação sexual. Tempos atrás eram os homens que conheciam o que era prazer, sexo e casavam para ensinar a mulher o que era isso. Hoje, à medida que a mulher arrisca a saber o que é prazer com o corpo dela, na vida, ela está questionando e trocando informações. Isto tem ameaçado muito os ho-

## O lado perigoso e c



mens. De repente, eles que eram tão sabidos estão aprendendo com as mulheres. E as mulheres que estavam acomodadas em sua ignorância estão tendo que dar seus pulos para aprender.

O que você quer dizer quando diz que os homens que estão no poder "vão padecer no fogo do inferno"?

— Não só os homens como todas as mulheres que estão no poder estão padecendo no fogo do inferno. Em época de transição quem está no poder está muito mal, controlando uma coisa só. Estamos num período histórico que não podemos saber uma coisa só. Vai sobreviver quem souber um pouco de cada coisa, quem tiver um pouco de conhecimento, um pouco de dinheiro, um pouco de humanidade, um pouco de sentimento, um pouco de sociabilidade. Quem tiver uma coisa só vai ser eliminado. Quem tiver só dinheiro, só inteligência ou só status estará prestes a morrer.

É interessante investir em relações humanas?

— Considero que é o único valor que vai sobrar nesta história toda, uma vez que o valor econômico de coisas materiais esgotou seus recursos. Chegamos num grau tal de de-

envolvimento tecnológico tão aperfeiçoado que, no máximo que o ser humano vai conseguir com este acúmulo é soltar uma bomba e eliminar uns aos outros. Portanto quem tem maior poder atômico e maior poder tecnológico simplesmente vai ter de sentar em mesa de negociação e falar de relação humana, se quiser sobreviver. Ou todos aprendem a serem humanos e, levar em consideração a humanidade do outro ou, eliminará não só a si próprio como a própria espécie.

A crise econômica, política, social, moral é uma crise causada pela instabilidade emocional (inseguranças, medo, frustrações), das pessoas ou vice-versa?

— Não acredito que seja neste sentido e nem vice-versa. Não existe uma casualidade linear. Uma coisa provoca outra. Há casualidade circular. É um acúmulo de fatores que estamos vivendo. É uma crise de civilização, é uma crise de tecnologia, é uma crise de recursos humanos, é uma crise de recursos da natureza que estão acabando. É um final de tempo em todos os níveis, social, econômico e político. É um somatório de crises. É a...

Quando se processará uma mudança, a curto, médio ou a longo prazo?

# Oportuno da crise



— Acredito que a médio prazo. Só que o médio bem mais rápido do que antes. Os tempos mudaram rapidamente. Até então era o planejamento para vida toda e alimente por dez anos, de ano em ano. Os filhos vão planejar de semestre em semestre. A nível quantitativo eu observo que a consciência e a movimentação são pequenas, pois em termos numéricos a população divide em classe rica e pobre, sendo esta a maioria. E estas duas classes são muito acoladas. Quem realmente se mexe é a classe média, e especialmente no Brasil, ela é pequena mas muito significativa.

Você falou sobre comodismo. Qual o des- das pessoas acomodadas neste contexto?

— Acho que esta é a vantagem da crise, o sofrimento todo que estamos passando. E todo mundo da masmorra, do acomodo. Hoje, seja rico ou pobre, preto ou branco está sentado no formigueiro e é necessário rever seus valores, rever suas questões, estão todos diante de um enigma: como renovar as relações humanas. Mesmo o dinheiro adquirido não tem o mesmo significado de ser feliz se não tiver um bom re- namento humano. Considero ainda que o mundo muito cruel porque ele está eli-

minando e vai continuar a fazê-lo, principal- mente os que estão no poder e acomodados no poder. Mas é um mundo criativo para quem for humano.

Quando teremos um assentamento des- tas crises e conflitos por que passa o ser humano?

— Talvez as pessoas pessimistas, realistas diriam que vamos acabar num caos atômico. De um ponto otimista acho que vamos acabar num mundo mais cooperativo, os valores humanos pela primeira vez na história, vão ser considerados como valores. Estamos nos preocupando com o ser humano e a humanidade e pode até ser que antes de dar-nos conta de nos humanizar a gente vai para o ar e vire Césio 137.

Você concorda que hoje há uma desmo- tivação, um descrédito acentuado nas pessoas?

— Há um desespero e uma esperança. Sem meio termo. Ou as pessoas estão deses- peradas porque perderam poder e acomoda- ção ou elas estão muito esperanças porque acabou tudo que estava assentado e precisam começar uma coisa nova. Não tem desespe-

rança, tem desespero mesmo. Entretanto, acredito que tem uma turma nova querendo começar.

Neste contexto de transição, de fim de sé- culo, e como especialista em casais, o homem, a mulher, o filho conseguem ultrapassar esta crise?

— Vejo o homem muito desesperado se ele quer viver sozinho e muito esperançado, como companheiro da mulher. A mulher está muito desesperada se ela quiser viver as custas do marido e muito esperançada se além do mundo social, ela tiver controle do mundo econômico e considerar o homem não um rival mas um companheiro. De forma geral, acho que nós mulheres estamos mais pre- paradas nessa passagem porque estávamos menos acomodadas. Os homens estão sofren- do mais na proporção que também se acomodaram. Nós estávamos tão acomodadas que as pequenas mudanças ajudaram a melhorar. E pela primeira vez estamos fazendo uma mudança histórica. Os homens estão em piores condições que as mulheres.

E os filhos?

— Os filhos estão muito bem obrigada. Eles não tinham vez na vida, não tinham pal- pite, não tinham razão e nem fala. Hoje, eles opinam sobre eles próprios embora levem uma desvantagem: a cada dia a infância fica mais curta.

Existe felicidade?

— Não há felicidade. Eu só vou ser feliz quando morrer e for para o céu onde vou ter uma harmonia permanente. Enquanto eu for viva não quero ser feliz mas estar bem. Estar bem é saber administrar a vida com todas as coisas boas e ruins.

Todos os conflitos que abordamos, você os caracteriza como um final de ciclo. Como ele se processa?

— Eu estou muito bem porque tenho consciência que a vida acontece num proces- so ciclo ou seja, tudo que é vivo começa, desenvolve, chega num apogeu e termina ou se transforma. Se eu considero que estar vivo é estar nesta coisa e depois se transformar é muito bom. Para aqueles que acham que a vida é uma linha reta, que é começar, crescer e parar, este pessoal está muito mal porque é a morte.

É esta a relação dos tempos que vivemos hoje?

— Mesmo que não saibamos isto e como não é somente nós que estamos em crise mas todos os outros povos, então as pessoas terão que topar com as duas possibilidades da crise, o perigo, o que funcionava não serve mais e, a oportunidade de buscar outros valores, outra forma de vida. Estamos num mundo muito justo pois, anteriormente, os países ricos estavam muito bem e os pobres muito mal. Hoje estamos todos no mesmo barco.

Como a psicanálise pode mudar e ajudar dentro deste contexto?

— Esta é uma característica deste período que estamos vivendo, de transição, de final de século, e a psicanálise não pode ajudar. Ela é uma ciência muito importante e

muito adequada para lidar com o atempo- ral e a eternidade. Hoje vivemos um tempo muito real, muito básico, de vida. Então as coisas que não são objetivas e demandam tempo não servem para nós. A psicanálise não serve para as pessoas que estão vivas e querendo buscar coisas novas. Até os méto- dos terapêuticos estão tendo que se reajustar, foi o fim da psicanálise. Vivemos, hoje, gloriamente o final do apogeu da psicanálise. Ela vai ficar com uma contribuição muito importante, intelectual, como filosofia, mas como recurso terapêutico é inadequada, ino- perante para os problemas do mundo atual.

Saindo a psicanálise o que fica?

— Fica um aberto e uma tentativa de todo mundo buscar métodos eficientes de terapêutica.

Que métodos são estes? Pode citar algum?

— Eu citaria um que é a abordagem sis- têmica. Uma abordagem para atender ques- tões de vida sem considerá-la a única, a últi- ma e tendo melhor que venha outras.

Você está descartando a psicanálise pa- ra os dias de hoje?

— Eu não descarto, a vida é quem des- cartou. Ninguém mais hoje tem tempo e di- nheiro para resolver uma questão durante dez anos. Até lá o mundo já morreu e surgi- ram outros muitos problemas.

Zélia, você disse que a psicanálise está descartada para os dias de hoje. Mas ela nem sequer chegou para a população em geral, por ter se restringido o atendimento a uma parte dela, ou seja, a elite?

— A psicanálise nunca pretendeu ser de povo e de vida. Ela é questão filosófica e en- quanto isto é muito importante. Agora quem lida com a filosofia é quem tem barriga cheia, tem casa com lareira e carro último modelo. Quem está na vida para viver não tem tempo para ficar filosofando só, pois além disto tem muitas outras coisas.

O que é ideal então?

— No mundo de hoje não existe ideal e sim o que é possível.

E o possível, o que é?

— É viver da melhor forma possível.

E os que não conseguem sobreviver por si só?

— Os conflitos não impedem ninguém de viver e sim ajudam as pessoas a viverem. O que temos que aprender é administrar estes conflitos e tirar o melhor proveito deles.

Neste período de transição, a psicaná- lise não pode ajudar?

— Não. Ela cria conflito e vive do con- flito. Ela não se propõe administrar conflito e sim aumentá-lo e viver dele. O bonito da psicanálise é você estar embasbacado diante do conflito. E quanto mais conflito você tem mais chique é.

Falamos de mudança, de reversão deste quadro de crise. O que tem que mudar pri- meiro, os sistemas sociais ou o ser humano?

— Não tem mais esta história quem vai primeiro. Ou muda todos juntos ou vamos ser queimados por substâncias radioativas.

## A crise passa pela economia e a política.

Dentro de suas experiências e participante ativo do processo de construção da sociedade, como tem visto as dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro? Quais são as causas da crise moral, política, econômica que vivemos?

— Eu entendo que toda crise ela tem vários componentes e seria equivocado a gente selecionar só um aspecto da crise, para atribuir-lhe um caráter de casualidade. Considero que as crises surgem no bojo de uma série de contradições mas que operam ao nível da economia, da política, das relações sociais, do comportamento ético das pessoas.

Assim, eu diria que o componente da crise brasileira é uma grave crise econômica, ou melhor, é quase um impasse na economia. O Brasil, com um dinamismo da economia muito grande, oitava potência industrial do mundo, enfrentando problemas sérios ao nível da dívida externa e interna. Uma política de arrocho salarial de caráter recessivo que desmobiliza vários setores. A dependência, a subordinação do país aos centros hegemônicos internacionais em função da dívida externa, que o deixa atrelado não permitindo que tenha uma soberania nacional, uma identidade.

Ao lado disso, a crise política que se manifesta levando-nos a um impasse também. Um confronto com o poder, que embora com todas as suas precariedades, debilidades, vícios estruturais, como a Assembléia Nacional Constituinte, ainda abriga uma certa legitimidade de representação popular, enfrentando um esquema executivo que me parece apeguenar a política, à medida que se trabalha, exclusivamente, sua permanência no poder.

A crise social hoje se caracteriza para mim pela desmobilização, pelo desempenho, pela frustração e diria mais ainda, uma certa amargura pode-se perceber em vários setores, desde os populares aos democráticos. Os setores populares vergando sobre o peso de uma crise de caráter recessivo, extremamente desmobilizante, e que levam as pessoas a estarem 24 horas do dia preocupados em sobreviver com questões materiais mínimas, e não tendo tempo, nem vontade, nem desejo, nem sequer uma determinação para fazer política e pensar nas coisas estruturais, que aparentemente

*Para a solução das várias crises pelas quais passamos, Célio de Castro afirma que ela surgirá das contradições que operam na sociedade brasileira. Pois, a medida que as contradições de ordem estrutural impedem que o país seja realmente democrata, uma democracia de verdadeiro conteúdo social, essas contradições vão ser vencidas dentro do período histórico pela intervenção dos setores representativos das classes trabalhadoras, aliadas às classes médias do Brasil. A forma que se vai processar, afirma não ter nenhuma perspectiva, mas que realmente estas questões vão ser resolvidas pela própria evolução histórica dos povos que trabalha e caminha neste sentido.*

te parecem abstratas, que não tem relação com o dia-a-dia tão penoso, tão reverso das pessoas.

Ao nível das entidades democráticas que julgaram um papel importante no período da ditadura tipo ABI, OAB, o próprio movimento das áreas sociais como um todo, hoje me parecem despolitizadas porque tomaram uma feição cooperativa. Elas se transformaram em lobbys a pressionar a Constituinte por causa de suas reivindicações de caráter corporativo. Então, a crise social passa muito por aí.

Finalmente uma crise que a gente chamaria, o tema não é bem este, mas uma crise ética, preferia dizer, uma crise de valores. Existe uma crise de valores à medida que se decompõe o próprio processo econômico-político. Então a escala de valores fica muito sem referencial e por isso é que se vê hoje uma certa passividade com relação as transgressões de natureza ética no trato da coisa pública, as corrupções, as mordomias.

Com tantas crises, como professor universitário, como médico, como parlamentar, haverá saúde para as gerações futuras?

Esta é a questão fundamental, qual a saída da crise. Talvez fosse bom a gente compreender que o componente principal da crise brasileira seria o que já coloquei: "um dinamismo da economia que leva o país a se situar na escala mundial de oitava potência industrial do mundo e o atraso de suas instituições políticas. Eu diria mesmo que sejam as contradições entre estas duas coisas. Uma economia dinâmica que pressiona apesar da crise, no sentido de uma solução. As estruturas políticas rígidas, incapazes de dar uma resposta às demandas, mesmo as sociais, que têm uma es-

trutura que se caracteriza por uma visão tão atrasada das elites brasileiras. Elites estas que se apegam aos seus privilégios de uma maneira suicida do ponto de vista histórico. E desta contradição, a história pelo menos já nos ensinou que constitui um terreno fértil para dois tipos de solução: a solução do tipo autoritário, fascista, ou a solução do tipo insurreição popular.

O grande dilema que temos hoje é fundar a democracia no Brasil, mobilizando setores mais conscientes da vida deste país. O Brasil, desde a independência, não viveu como identidade de nação, com uma democracia substantiva. E isto é um entrave ao desenvolvimento pleno deste país. E é esta questão fundamental que vamos ter que resolver. A doença do país, do povo está aí, a ausência de democracia. A democracia plena, substantiva, com participação popular, com a máquina do Estado transparente, com visibilidade para que todo cidadão não seja mais vítima da prepotência mas co-participante do Estado que ele mesmo determinou que fosse desta ou daquela forma. Este é o grande desafio. Esta é a grande doença que o povo brasileiro vai ter que vencer.

Qual o primeiro passo para se chegar a esta democracia com tantas precariedades?

— O passo fundamental para atingir esta democracia é a participação popular através de construções de partidos políticos capazes de expressar a vontade política do cidadão e, das organizações da sociedade civil que passam a ter uma preponderância na construção desta democracia.

Assinalo que esta democracia que tem que se construir não pode ser uma democracia formal, não pode ser uma democracia jurídica apenas, não pode ser uma democracia de conteúdo social. Isso é, não uma mera declaração de algumas liberdades e garantias individuais mas tem que resolver questões sérias, de ordem estrutural como a propriedade da terra no campo, problema da soberania nacional, da dívida externa, da educação, da saúde, da plena cidadania.

Apesar, de no momento, as diversas classes se encontrarem com pouco po-

der de mobilização e com pouca capacidade de luta, isso muda de um momento para outro, podendo haver movimentos reformuladores que venham pressionar no sentido de que esta democracia, tão necessária e vital, principalmente neste aspecto, surja para as classes economicamente mais despossuídas.

Isso não é uma exigência muito grande para uma população tão carente como é a nossa?

— Realmente é uma exigência muito grande. Mas, se percebermos, as elites brasileiras há muito já traíram o processo democrático. As elites são incapazes de levar a democracia aos limites de uma democracia mais atrasada da Europa pela sua própria omissão a esse povo, carente, sofrido, essas classes médias inquietas, inseguras, esse proletariado urbano que cresce desordenadamente, este campesinato sofrido. Eu acredito que a essas classes é que caberão executar o projeto democrático do Brasil.

As carências, em todos os níveis, não podem ser mais agravantes. Como então resolvê-las?

— Na minha opinião estes problemas não serão resolvidos através de um programa específico para cada setor. Estes são problemas de ordem estrutural. Na área de saúde por exemplo, que eu conheço bem, o maior problema de saúde no país não é vacina, não é remédio, não é hospital e sim o salário mínimo. Quando o salário mínimo for digno para a manutenção adequada de um trabalhador ou de sua família, nós estaremos resolvendo 80% dos problemas de saúde deste país. A mesma coisa, a criança abandonada, nada mais é que a fase trágica, dramática de uma sociedade dilacerada por contradições. O problema tem muito mais haver com distribuição de renda. Também o problema da urbanização como ela é feita principalmente a partir da década 30, quando um contingente de camponês foi jogado na periferia das cidades e que formam este cinturão de miséria, que só em Belo Horizonte, temos um milhão de favelados cercado a cidade. O Brasil tem um perfil que mudou inteiramente a sociedade brasileira, com uma população atual na cidade de 70% e 30% apenas no campo. Esta miséria, esta carência, esta perversidade, a delinquência infantil e juvenil, a criminalidade, o menor abandonado, são questões que não podemos mais trabalhar a base de paliativos. E a resolução passa necessariamente por resolver as questões estruturais básicas, sem nunca ter a ingenuidade de que não vamos fazer nada enquanto não resolver as questões estruturais. O movimento social e político deve e é necessariamente dinâmico, à medida que você intervém na área para atender um pouco estas distorções, você trabalha também ao nível das questões contraditórias de infra-estrutura.

### Centro Cultural

### Livraria do Psicólogo

Livros e testes nacionais e importados. Atendemos pedidos de todo o Brasil por reembolso postal R. Curvelo, 132/Lj. 27 — Floresta (031) 224.0663 — 31010 Belo Horizonte, MG.